

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

Nova Série

RIO DE JANEIRO — BRASIL

ANTROPOLOGIA — N. 1 — 30 de Outubro de 1942

NOTAS SOBRE SANTA CATARINA

O LITORAL E A SERRA

L. de Castro Faria.
Museu Nacional

Aproveitamos a nossa viagem a Santa Catarina, por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Geografia, fazendo algumas excursões, além das que estavam incluídas no programa do certame.

A viagem através das zonas mais populosas e mais ricas do Estado desvendara o panorama do ambiente e da vida dos grandes centros coloniais, revelando-nos os termos do problema constantemente discutido da nacionalidade dos grupos de origem estrangeira fixados e desenvolvidos no solo brasileiro.

Ante os nossos olhos desfilaram as imagens estranhas decorrentes do tipo de colonização norte e centro litorâneo.

O desejo de conhecer um outro aspecto, que se nos oferecia com atraentes perspectivas de impressões contrastantes, levou-nos a visitar a região serrana, de povoamento originariamente diverso e independente do povoamento do litoral.

Duas direções gerais podem ser apontadas na marcha do povoamento catarinense.

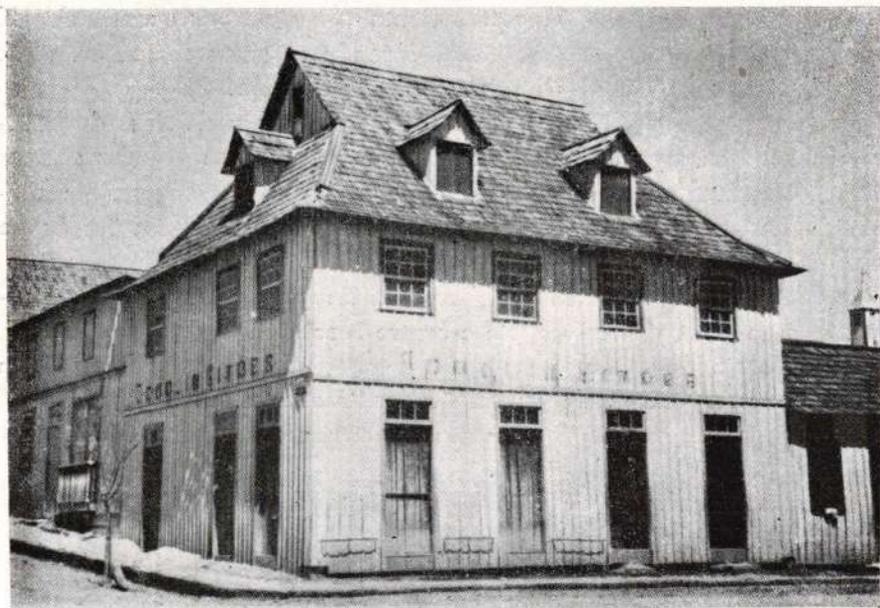
São Francisco do Sul, Nossa Senhora do Desterro e Laguna são núcleos do século XVII constituídos de portugueses e de vicentistas, que marcam por essa forma as etapas da progressão colonizadora para o extremo meridional (1).

(1) "Santa Catarina é o posto avançado do Rio de Janeiro no Rio da Prata", diria Vasconcelos Drumond (cit. por Lucas Boiteux — *História Catarinense*, pág. 306).

A escolha dos locais não poderia ilustrar melhor a história dessas primeiras fundações, e nem mais claramente revelar os seus objetivos.

Consolidara-se a posse do litoral com o desenvolvimento desses núcleos primitivos, e a gradativa disseminação de povoadores ampliara a área devassada, sem ultrapassar, contudo, a faixa costeira. Para os colonos estabelecidos nas ilhas, o *continente* ficou sendo muito tempo os *campestres* e os *banhados*, que se estendiam da orla marítima ao sopé das serras.

O movimento de penetração para o interior não partiu do litoral. Ou porque não animasse o espírito dos laboriosos açorianos para ali conduzidos à insaciedade dos nossos mamelucos, ou porque a fertilidade da terra lhes tivesse saciado a ambição de pequenos agricultores, ou ainda porque a sedução do mar os prendesse, o fato é que o movimento daquelas gentes só se fazia no sentido longitudinal.



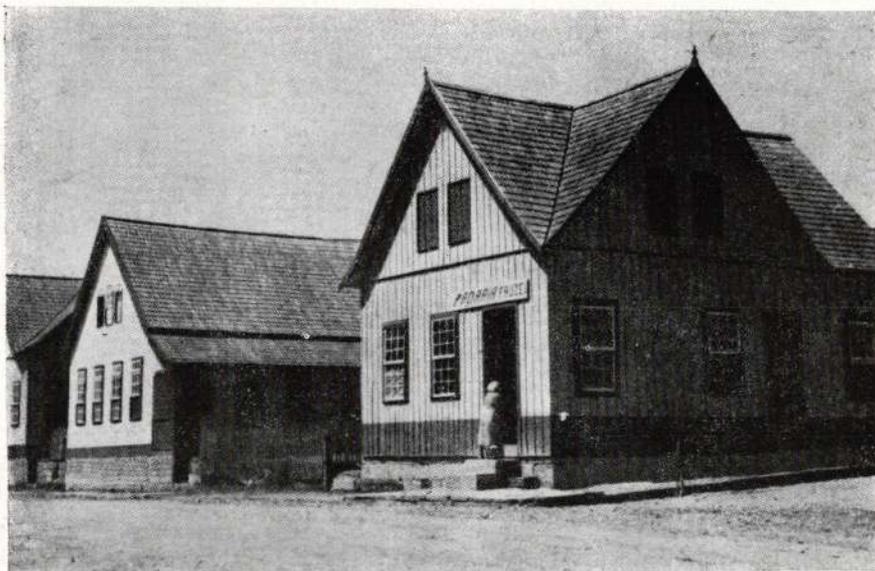
Bom Retiro — Casas com águas furtadas

De São Francisco a Laguna, com um pé já firmado na vila de Nossa Senhora do Desterro, tinha sido um salto; o resto do litoral em pouco seria abordado em todos os pontos. A vida, por consequência, seria caracteristicamente uma vida de litoral.

A canoa foi o transporte de uso mais comum, e tão generalizado o seu emprego que Saint-Hilaire anotou a sugestiva expressão *canoada*, como equivalente de *cargueiro*, termo este familiar ao seu ouvido de peregrinador das Minas Gerais.

Foi extremamente lento o movimento partido da periferia. Ainda em 1822, segundo o mesmo Saint-Hilaire, não seria de mais de três léguas o avanço para o interior: balizara-o a linha da serra Geral, que corre em direção quase paralela à costa.

Daí, talvez, a tardia fixação dos limites do oeste, que ainda em 1824 não estavam definitivamente assentados.



Casas de pinho — Bom Retiro

A agricultura, tendo sido nessa região atividade exclusiva nos primeiros tempos, agiu como elemento promotor da estabilidade extraordinária daquelas fundações.

Não houve, por assim dizer, nenhuma tentativa que tivesse falhado; as cidades de hoje são as mesmas *freguezias* dos séculos XVII e XVIII.

A pouca mobilidade exigida pelo trabalho agrícola, ainda aquele que utilizava os processos mais rudimentares, esgotando rapidamente

as terras, explica a ausência de grandes empreendimentos com o objetivo de devassar o sertão além da Serra.

Os últimos esforços bandeirantes estimulados por Caldeira Pimentel tinham ficado para sempre adormecidos.



Estrada do Estreito a Lages, perto de Urubief

A abertura do caminho de Araranguá à vila de Curitiba, entregue a Francisco de Souza e Faria, que em 1729 atingia o Planalto, seguido dois anos depois por Cristovam Pereira de Abreu, representou apenas uma tentativa que não logrou continuidade.

Não havendo, igualmente, o atrativo das minas, a conquista da região serrana, que entretanto se processou quase simultaneamente, teria que obedecer a outras causas. Foi o que aconteceu.

O povoamento de Lages teria início no segundo quartel do século XVIII, independentemente do que se passava no litoral. Tão diversos foram os impulsos iniciais e tão diferentes as determinantes desses dois movimentos que eles não conservaram a mínima ligação.

A vila de Lages, fundada por Antonio Corrêa Pinto, português,

natural do arcebispado de Braga (2), a mando do governador de São Paulo, D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, em 1771, desde muito antes abrigava nas suas serranias criadores paulistas vindos de Sorocaba (3).

Não foi, a principio, mais que um posto avançado do caminho da Vacaria, a trilha de gado batida pelos condutores de boiadas, que iam deixando nas terras cobiçadas pelos espanhóis os marcos do dominio português.

As duas primeiras entradas para o sertão da serra Geral, em demanda dessa vila, tiveram justamente como objetivo a abertura de uma estrada que ligasse os dois centros. Foram levadas a efeito, em 1788, pelo alferes Antonio José da Costa, mais tarde arrematante dessa empreitada com Antonio Marques Arzão. Partindo da ilha entrou pela boca do Maruí, na baía do sul, e seguindo o vale desse rio transpôs a linha de serras; tendo alcançado sem maiores dificuldades a vila de Lajes, tornou pela mesma picada a Santa Catarina. Da segunda vez, entretanto, seguida a trilha já aberta, desceu pelo caminho de Laguna, franqueado por Corrêa Pinto.

João de Betancurt (4) Pereira Machado, que em dezembro do mesmo ano fez nova entrada para reconhecer e examinar a picada aberta por aquele que o precedeu, achou-a "tortuosíssima e muito extensa" (5), aconselhando por isso que se adotasse outro rumo. Sugeriu, inclusive, o abandono da várzea alagadiça do Maruí, apontando as vantagens resultantes do traçado pela margem esquerda do Cubatão, seguido até hoje.

Tinha apenas "dezesseis léguas e 560 braças de caminho medidas à corda sobre o terreno desde a guarda de Maruí, três léguas para oeste do estreito que separa a ilha da terra firme, até o lugar chamado Castelo-melhor ao poente da serra Geral" (6) a empreitada assumida por Antonio José da Costa e Marques Arzão, pois além da serra do Trombudo começava a jurisdição do governo da capitania de São

(2) P. Geraldo Pauwels, *Pontos controvertidos da História de Santa Catarina. Rev. de Filologia e de História*, t. I, fasc. III, pág. 370. Rio, 1931.

(3) O próprio Corrêa Pinto desde 1766 ali se achava com todos os componentes da sua bandeira colonizadora. Antes dele, porem, Bento Soares e Francisco de Carvalho já se tinham estabelecido na região (P. Geraldo Pauwels, *op. cit.*).

(4) Assim o escreve Paulo Joze Miguel de Brito, autor da *Memória Política*.

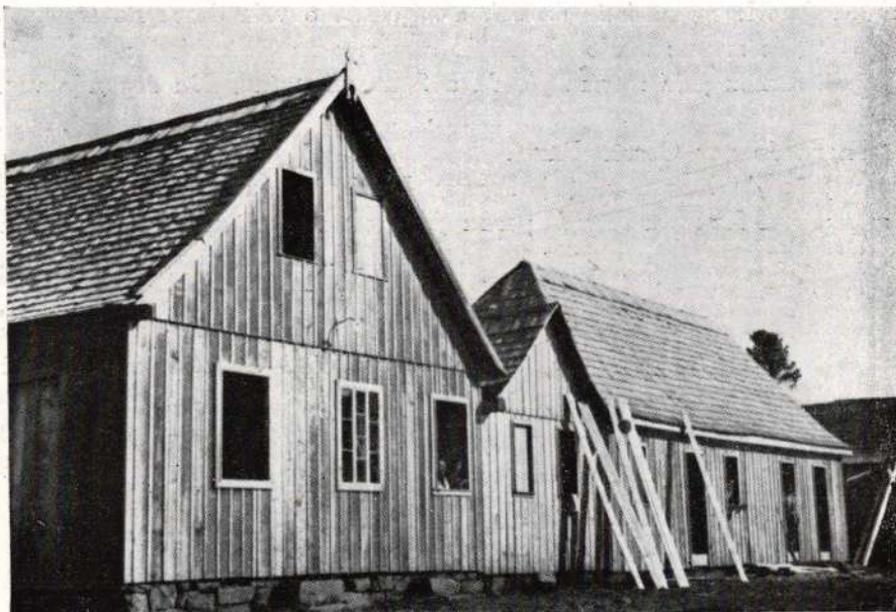
(5) Paulo Joze Miguel de Brito, *op. cit.*, pág. 86, nota 4.

(6) *Idem, idem*, pág. 87.

Paulo. Dalí por diante, aliás, o terreno não apresentava obstáculos consideráveis, e pelas cercanias já se tinham estabelecido vários criadores, que mantinham contacto com a vila de Lages.

A utilização dessa estrada não chegou a durar dez anos, pois estando concluída em dezembro de 1790, em 1800 dela já não restavam vestígios, conforme o testemunho do autor da *Memória Política* (7), que insiste na necessidade de restabelecer essa comunicação, cuja falta se tornava extremamente prejudicial, pois fazia de Lages um centro de comércio interior diretamente ligado apenas ao Rio Grande do Sul, ao Paraná — pelo caminho dos *coritibanos* — e a São Paulo.

A essa estrada faltara, de certo, significação econômica imediata. O transporte do gado para o consumo da vila do Desterro fazendo-se



Pericó

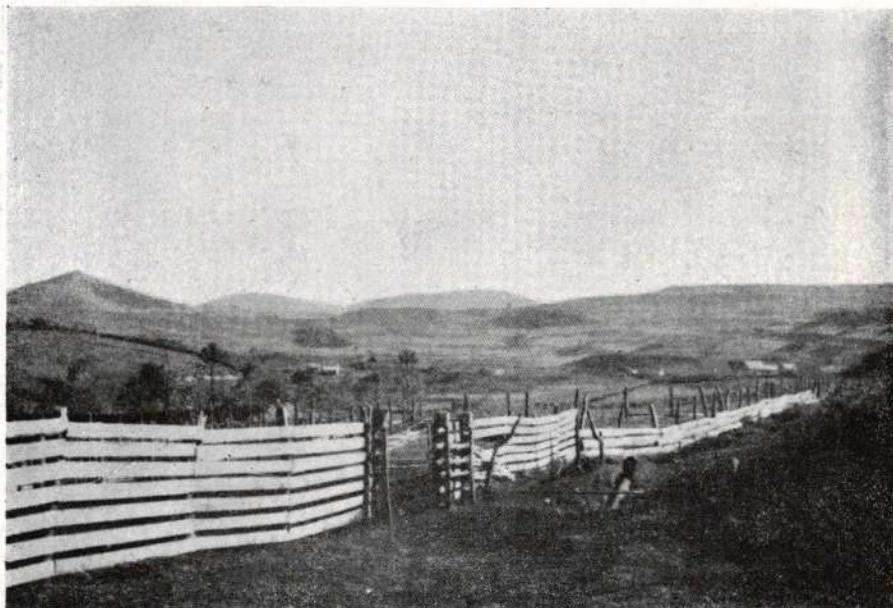
do Rio Grande do Sul pelo litoral muito mais facilmente, tornava dispensável a ligação dos dois centros — um exclusivamente agrícola, outro pastoril — pois não iriam além dessas necessidades básicas as exigências do comércio.

(7) Paulo José Miguel de Brito.

O povoamento, por outro lado, dificilmente avançaria para o sertão, e basta lembrar a origem dos colonizadores para que sobrelevem as razões.

A princípio, o mar e a agricultura foram suficientemente fortes para prender irresistivelmente os pacíficos açorianos. Mais tarde, as relações vicinais e o parentesco próximo (8) dificultariam ainda mais a desagregação dos grupos que da ilha passaram a ocupar as áreas mais férteis da orla continental.

A distinção entre as duas zonas não seria apenas de natureza



Pericó — Mangueira

histórica ou de ordem econômica; politicamente a extensa região de Lajes, cujo termo compreendia todo o território entre a serra Geral, os rios Negro, Iguassú e Pelotas, ainda em 1820 estava anexado à província de São Paulo.

A incorporação a Santa Catarina fez-se por um ato administrativo.

Litoral e Serra, agricultura e pecuária. Região e economias diversas criariam forçosamente dissemelhanças e até mesmo contrastes.

(8) Saint-Hilaire, *Viagem à Província de Santa Catarina* (1820). Tradução de Carlos da Costa Pereira — *Brasiliana*, vol. 58, São Paulo, 1936 .

As correntes imigratórias mais recentes trariam ainda, para a primeira dessas regiões, naturalmente mais acessível e mais favorável ao desenvolvimento de indústrias pelas facilidades de transporte um contingente apreciável de inovações.



Vista de São Joaquim

Mandando educar os seus filhos em São Leopoldo (9), comerciando com Porto Alegre, os serranos cultivaram um certo desdém pelos *barrigas verdes*, ou *gromeiros*, como frequentemente dizem, homens do litoral, mas em revide foram por estes apelidados *guascas*, numa alusiva alusão às relações com o sul.

E' flagrante a distinção entre as duas áreas; mas é inegável o equilíbrio resultante.

Foi para conhecer de perto o aspecto serrano que empreendemos uma viagem ao município de São Joaquim *da Costa da Serra*, o "mais belo pedaço de Santa Catarina", no dizer de Vieira da Rosa (10).

Partimos de Florianópolis pela madrugada e atravessando a ponte que liga a ilha ao continente ganhamos as terras do município de São

(9) Vieira da Rosa, *Corografia de Santa Catarina*. Florianópolis, 1905, página 280.

(10) *Op. cit.*, pág. 247.

José. A estrada, que segue mais ou menos o traçado primitivo, depois de atravessar o Maruí e a cidade de Palhoça, volta-se um pouco mais para sudoeste até alcançar o vale do rio Cubatão. Acompanhando a direção do seu curso, quase perpendicular à orla litorânea, com mais alguns quilômetros alcança a vila de Santo Amaro, situada na margem esquerda, e, em seguida, Santa Isabel, antiga colônia alemã de Vargem Grande, fundada em 1847 na margem do rio dos Bugres.

Em toda essa região a agricultura é mais ou menos desenvolvida. Cultivam mandioca, milho, arrôz, feijão, trigo, batatas, e, da safra de cana, fabricam um pouco de açúcar e de aguardente.

A estrada vai subindo sempre e, em pouco, atinge a localidade de Rancho Queimado, a 800 metros de altitude, com mais 10 km. atravessa o rio Taquaras, um dos braços formadores do Tijucas, e a cujas margens existe um pequeno povoado com o mesmo nome.

Transposto o divisor das águas, e vencidos mais 31 km. de percurso, chega à localidade de Barracão. Pouco antes, nas margens do Água Fria, divisamos algumas casas de madeira, de tetos escorridos, com cortinas nas janelas e folhagens variegadas pendendo de vasos que quase se escondem na pequenina sacada para a qual se abre minúscula porta do quarto existente no sótão. A água, correndo em calhas de madeira, fazia girar pesada roda de moinho. E' a colonização estrangeira que avança.

Dalí por diante a estrada toma a direção sul, e atravessando os formadores do rio Itajaí do Sul chega a Lomba Alta, onde retoma a direção oeste para alcançar a cidade de Bom Retiro, situada na vertente ocidental da serra do Trombudo, a 900 metros de altitude.

Bom Retiro deve ter recebido uma forte influência de colonos alemães. As suas casas revelam, na construção de águas-furtadas, no caimento dos telhados, na complexidade da sua estrutura uma tradição que não possuímos.

Até o nome de um comerciante, à primeira vista brasileiríssimo, *Joaquim Simões*, escrito em grossos caracteres nas paredes de pinho de uma delas, tem um certo sabor de gótico...

Em Bom Retiro trocam de ônibus os que se dirigem para Lajes.

A direção oeste que a estrada vinha seguindo é observada até Santa Clara, mas daí por diante segue sempre ao sul, atravessando o rio Bom Retiro em demanda das vilas de Águas Brancas e Urubici,

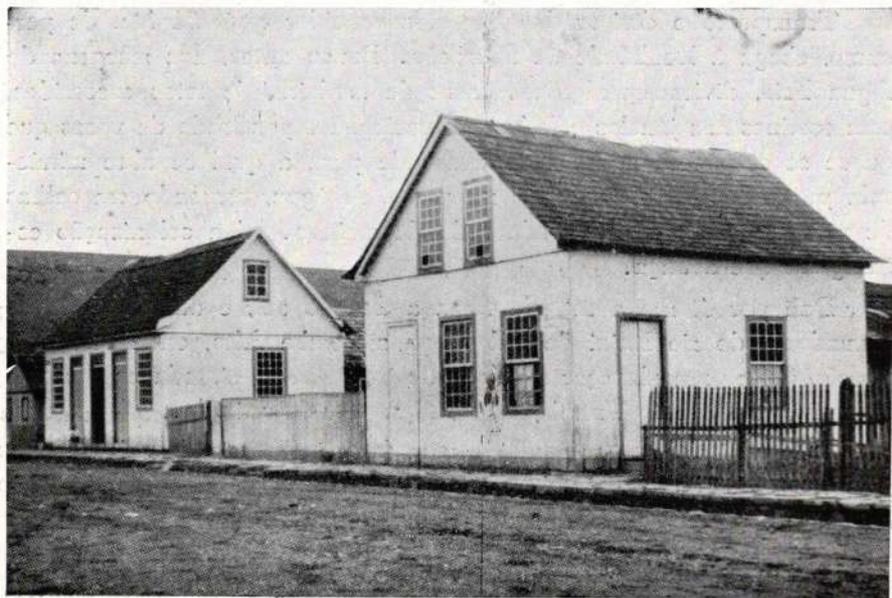
nomes tirados desses afluentes do rio Canoas, que é também transposto próximo às cabeceiras.

Nesse último trecho a estrada corta os imensos pinheirais, que alternam com grandes extensões de *campos*. A ondulação do terreno renova e amplia a perspectiva cada vez que se galga o dorso de uma cochilha.

De Urubici a Pericó, afluente do Lava Tudo, são 33 km. e desse ponto a São Joaquim mais dezoito.

Anoitecia quando entramos na cidade.

Costa da Serra foi a primitiva denominação do lugar que desde 1868 figurava como distrito de sub-delegacia de polícia da freguesia da cidade de Lajes, da qual só foi desmembrado em 1871, passando a constituir uma freguesia independente.



S. Joaquim — Casas de madeira, com quartos no sótão

Os seus limites corriam pelo arroio Divisa até a confluência no Lava Tudo. Desciam por este até o seu desaguadouro no Pelotas, que a montante desse ponto, até receber as águas do Contas, formava a divisa sul, continuada por este último até quase as nascentes. A serra Geral servia de limites a leste.

A povoação de São Joaquim foi fundada por um paulista de Piracicaba (11), Manuel Joaquim Pinto, que, em 1873, adquiriu as terras do Morro Agudo, e, tendo escolhido o melhor sítio, fez erigir a matriz da futura vila.

Estabelecido nas redondezas com o seu círculo de parentes e de amigos procurou atrair um número sempre crescente de sitiantes. A localidade prosperou de modo que em 1882 foi ali criado um distrito de paz, com os mesmos limites anteriores, e quatro anos após a freguesia de São Joaquim da Costa da Serra era elevada à categoria de vila, constituindo de então um município desmembrado da comarca de Lajes.



S. Joaquim — Taipa de pedra

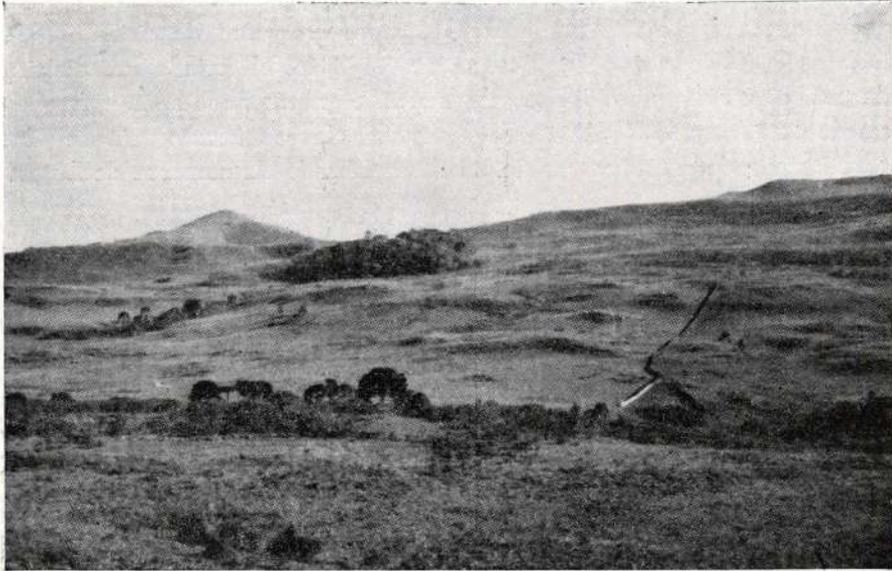
A região compreendida nos seus limites parece formar, com a de Lajes e com a do Planalto sulriograndense, (12) não só um conjunto de fisiografia distinta das demais, como também uma área culturalmente definida.

(11) José Artur Boiteux, *Dicionário Histórico e Geográfico de Santa Catarina*.

(12) Cf. I. Tupi Caldas. Estado do Rio Grande do Sul (Síntese Geográfica — Regiões Naturais) in *Rev. Inst. Hist. Geog. do Rio Grande do Sul*, ano XIX, II Trimestre, 1939. pág. 169.

O aspecto geral é o de um terreno ininterruptamente ondulado, com matas e capões de pinheiros e de fetos arborescentes, cortado de arroios que sulcam todos os vales.

Os seus rios, sem exceção, pertencem à bacia do Prata. Afluindo



Taipa de pedra ganhando a lombada da cochilha

no Pelotas, engrossando as águas do Lava Tudo ou do Canoas vão ter aos grandes tributários do Uruguai.

A cidade de São Joaquim foi erguida sobre uma cochilha, de modo que a rua principal é a linha da lombada. Outra rua paralela a esta corre numa das encostas, enquanto muitas outras perpendiculares a esse eixo cortam os flancos para um e outro lado. São geralmente largas e traçadas com regularidade.

As casas são construídas inteiramente de pinho, sem excetuar a cobertura. Malgrado a diversidade do material empregado, o aspecto resultante do conjunto não diverge muito do comum das nossas cidades do interior. Muito embora o aproveitamento do sotão, forçando a abertura de janelas acima dos tensores — janelas que quase tocam as empenas — constitua uma prática menos frequente entre nós, essa peculiaridade não chega a provocar aquela impressão de exotismo que nos causam os telhados escorridos, de linhas interrompidas pelas águas-furtadas, característicos das zonas coloniais.

Ao passo que em São Joaquim, cidade sujeita quase que anualmente a nevascas, não se encontram esses telhados de inclinação mais acentuada que os do comum das nossas casas, Bom Retiro, muito mais abaixo gozando de um clima relativamente benigno, apresenta vários tipos que sem dúvida revelam apenas uma influência cultural estranha.

A duração das casas construídas de pinho é avaliada em dez ou doze anos, quando não recebem pintura, e em vinte ou mais quando são pintadas a óleo. A divisão interna nada apresenta de significativo. A cozinha é quase sempre separada do corpo principal da casa, mas constitui de ordinário o lugar preferido para as demoradas conversas de inverno. Apesar da neve, do minuano e das lestadas, nenhum meio especial de aquecimento existe. É ao redor do fogão, simples fogão de cozinha, que se reúnem as pessoas friorentas. O uso de bebidas fortes ajuda a suportar a friagem.

Só nas fazendas é de uso o *braseiro*, quadrilátero de tijolos ou de pedras assentado no meio da *varanda* — sinônimo, como no Rio Grande do Sul, sala de jantar — e onde depositam as brasas que aquecem os que delas se cercam.

Nas fazendas encontra-se também a *ramada*, construção erguida ao lado da casa para abrigar não só as mercadorias, como os próprios cargueiros e os animais dos viajantes que fazem pouso.

Em algumas casas da cidade, principalmente nas residências de comerciantes que recebem mercadorias transportadas por tropas e carros de boi, ou ainda nas que servem de hospedaria, também se encontram essas *ramadas*. São construídas de madeira e tão cuidadosamente como qualquer casa, embora o termo ainda faça lembrar que originariamente eram muito mais simples.

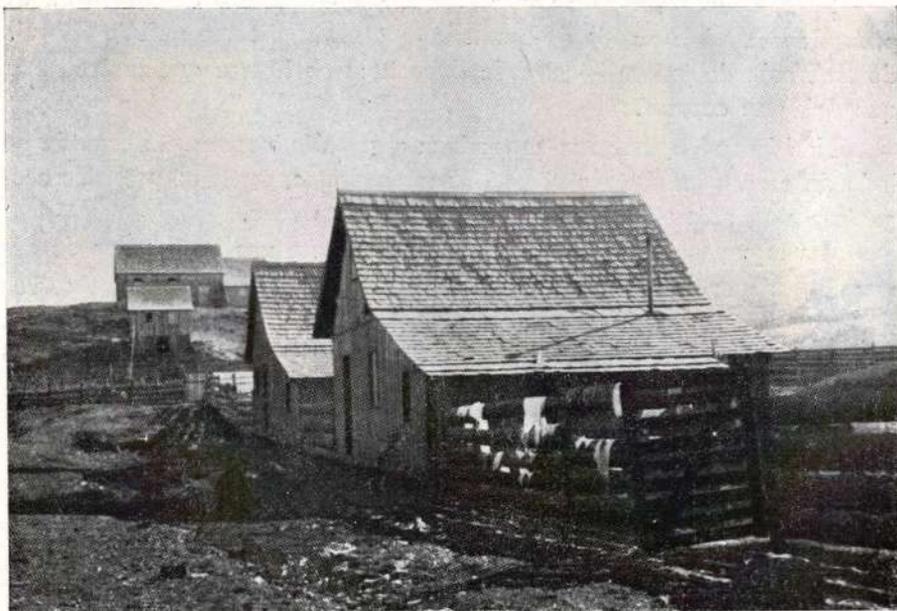
A palavra *ramada*, que já existia no português da Europa com o significado de "abrigo para recolher o gado vacum" (Moraes, Aulete), figura como regionalismo gaúcho, sendo registado por Romaguera Corrêa, Roque Calage e Luiz Carlos de Moraes. No Rio Grande do Sul a ramada é uma construção ligeira, coberta de *ramos* ou de palha, destinada a abrigar do sol ou da chuva os campeiros com os seus animais de sela e os seus aperos.

A temperatura serrana, sujeita a grandes e repentinas alterações, os ventos excessivamente frios, tornaram necessária uma proteção mais eficiente, pois muitas vezes os animais deixados sem abrigo sucumbem durante uma geada que tomba de improviso. Nos campos são os capões de pinheiros e as abas das cochilhas que protegem os rebanhos,

quando no mês de julho sopram os ventos do quadrante sul, ou quando as lestadas com chuva fustigam os plainos.

As casas da cidade possuem sempre um terreno de tamanho regular onde são cultivadas as frutas de clima frio. Macieiras, pereiras e pessegueiros perdem completamente as folhas no inverno, compondo o aspecto europeu daquelas paisagens.

Esses terrenos são fechados por uma cerca de ipê ou de camarã. E' a única obra para a qual não utilizam o pinheiro. Às vezes cercamos também de um muro de pedras soltas, de um metro e meio de altura. E' chamada *taipa de pedra*, originalíssima e trabalhosa construção que constitue a especialidade de pacientes *taipeiros*. Nos campos esses muros se estendem por quilômetros, pois é o único tipo de cerca ou *fecho*, empregado para demarcar as terras de pastoreio.



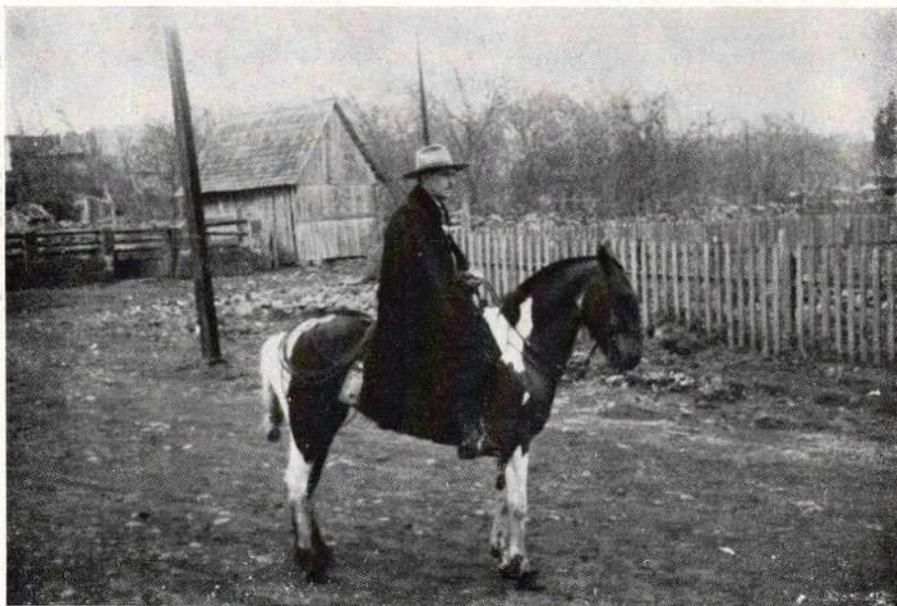
S. Joaquim

E' interessante notar que o termo *campo*, usualmente empregado para designar os terrenos de cima da serra, traduz com maior fidelidade o gênero de indústria que a feição topográfica. Nos *campos* serranos não existem planícies — dificilmente o olhar se alonga sem encontrar o horizonte, em todos os quadrantes, demarcado pelo dorso das cochi-

lhas mais próximas. Não se consegue dominar a paisagem com a observação de um único panorama: só a sucessividade dos aspectos, ocultos em cada dobra do terreno, dá uma visão expresiva do conjunto.

O campo é ali mais ainda que um tipo de vegetação. E' a zona secular de pastoreio com todos os seus complexos derivados. De todos os seus setores ressalta a característica da especialização econômica.

O padrão de abastança é o número de *milhões de campo* que o fazendeiro possui. A unidade, como se depreende, é o metro quadrado. Desse modo só o que possui um mínimo de oito milhões é considerado *fazendeiro*. E' curioso notar o emprego do termo fazenda para designar



Fazendeiro serrano — S. Joaquim

a grande propriedade, ao invés de *estância*, tão generalizado na zona pastoril do extremo sul.

Um milhão de terras boas vale de quinze a vinte contos, se além da boa qualidade apresenta uma conveniente localização. O preço médio, entretanto, varia de dez a quinze contos, e os inferiores, ou muito distantes, de cinco a dez.

Os melhores terrenos acham-se nos arredores da cidade, e a oeste e sudoeste do município. O grande proprietário quase sempre cria e

inverno, isto é, engorda o gado, uma vez que tenha campo suficiente para fazer a separação dos dois rebanhos.

A queima dos campos é feita anualmente, de outubro a novembro, mas o rincão queimado num ano é poupado no seguinte.

O gado para invernar é comprado com dois anos e vendido com



São Joaquim — Neve do dia 17 de agosto de 1940

três ou quatro. E' no mês de outubro que começam a *parar rodeio* para a contagem das rezes e separação das que devem ser trabalhadas nas *mangueiras*.

O gado é vendido em pé para Florianópolis e para o sul do Estado. Cada fazendeiro possui uma pequena indústria de queijo e de manteiga, mas a produção raramente ultrapassa as necessidades do consumo local. O mesmo acontece com a agricultura. Somente no vale do Canoas e do Urubici é que se encontram grandes plantações de milho, de trigo, de batatas.

O verão, que vai de novembro a abril, é a época da abundância — frutas, hortaliças, leite, carne, tudo existe com fartura. No inverno falta até carne fresca.

O trabalhador rural é agregado, que a troco de pequenas obrigações se estabelece nos domínios de um fazendeiro sem pagar arrenda-

mento. Tem um pedaço de terra para cultivar, ao lado da casa que ele mesmo constrói, e além da roça cria algumas cabeças de gado.

* * *

A vida do serrano só excepcionalmente transpõe as fronteiras da especialização tradicional. A atividade campeira acentuou os traços dessa psicologia particular, que hoje realmente o distingue do homem do litoral.

O meio em que ela se exerce reflete ainda esse particularismo, que a toponímia traduz: *Mangueira Velha*, *rincão dos Novilhos*, *rincão das Vacas*, *campo do Potreirinho*...

O linguajar, excluído um bom número de localismos (13), é semelhante ao do Rio Grande do Sul. Semelhante apenas, e não idêntico, porque além dos localismos importa reconhecer certas divergências fonéticas. Os termos gauchos, ainda mais, sofreram frequentemente transformações semânticas, para as quais teriam contribuído além do relativo afastamento dos centros de origem, as diferenças de ambiente.

E' possível que essas discordâncias decorram, sobretudo, do fato de não ter tido o serrano catarinense intercâmbio direto com os platinos. Os termos dessa origem já foram recebidos através dos riograndenses, e naturalmente iam sendo modificados na pronúncia ao ritmo das circunstâncias que impunham as variações de sentido.

Dos antigos paulistas ficariam na linguagem apenas alguns elementos, é verdade que extremamente significativos, não só na região serrana de Santa Catarina, antiga freguesia *das Lajes*, como no nordeste sul-riograndense.

Taunay, prefaciando o livro em que Manuel Duarte (14), no seu esforço de caracterização dessa área sulina, exhibe entre ponderáveis argumentos um interessante vocabulário, observa a "existência de numerosas palavras paulistas radicadas pelos bandeirantes tão longe do centro de partida dos sertanistas".

Foi principalmente a pequena lavoura, no preparo do solo ou no cultivo de certas espécies que, tendo em quase todo o Brasil um fundo

(13) Tito Carvalho, o romancista da região serrano-catarinense, no seu livro de contos *Bulha d'Arroio* (Florianópolis, 1939), oferece ao estudioso apreciável vocabulário de regionalismos.

(14) Manuel Duarte — *No Planalto* (Episódios e paisagens sobre o nordeste riograndense). Prefácio do erudito historiador Dr. Affonso de E. Taunay — Porto Alegre, 1930.

indígena comum, constituiu o fator de fixação e ao mesmo tempo de difusão de uma terminologia não muito rica mas de extraordinária persistência.

Depois da geografia foi a agricultura rudimentar, ainda hoje praticada no interior, que mais contribuiu para a incorporação de termos indígenas no nosso falar.

As diferenças de origem e de meio não são, de certo, considera-



Neve em São Joaquim — dia 17 de agosto de 1940

veis. Mas foi além de tudo o contacto e a identidade de culturas — a pastoril — que promoveram a incorporação dos elementos característicos da área gaucha do planalto. E somente essa identidade e a frequência dos contactos explicam a interação, que se patenteia através da aparência de homogeneidade absoluta.

